

É POSSÍVEL DERROTAR TEMER E AS REFORMAS DO CAPITAL!



**GOVERNO TEMER NÃO ESTÁ
MORTO. AMPLIAR A LUTA!**

**GREVE GERAL MOSTROU QUE É
POSSÍVEL DERROTAR AS REFORMAS**

**IDEOLOGIA: UMA BREVE
INTRODUÇÃO**

**A CARNE É FRACA E O SISTEMA É
PODRE**

**EMANCIPAÇÃO HUMANA *VERSUS*
EMANCIPAÇÃO ANIMAL**

**REVOLUÇÃO RUSSA: DE
FEVEREIRO ÀS TESES DE ABRIL**

GOVERNO TEMER: IMPOPULAR, MAS AINDA NO CONTROLE DAS AÇÕES

Entender a correlação de forças na luta de classes é fundamental para construirmos vitórias e não continuarmos seguindo os caminhos das derrotas. Atribuir fragilidade a Temer, no atual momento, desarma a classe trabalhadora sobre o tamanho dos desafios para derrotar a Reforma da Previdência e os outros ataques aos direitos que estão em andamento.

Após a derrota de Temer na votação de “Urgência na Tramitação da Reforma Trabalhista” alguns setores concluíram apressadamente que se tratava de um governo em crise e isso o enfraqueceria para levar adiante as reformas do capital.

No entanto, a Reforma Trabalhista foi aprovada na Câmara sem demoras, assim como já haviam sido a Lei da Terceirização e da Restrição dos Gastos Públicos.

O governo tem atuado de forma sistemática e vem conseguindo organizar a base parlamentar para aprovar tudo isso e, fundamentalmente, da Reforma da Previdência.

Não temos dúvidas que estamos diante de um governo dos mais impopulares dos últimos anos. Mas, que expressa ao mesmo tempo, para os vários setores da burguesia e de seus partidos no Congresso, a possibilidade de unificar as bancadas parlamentares para aprovarem todos os projetos dos capitalistas contra os trabalhadores e o rebaixamento de suas condições de vida.

SUPERAR SEM REPETIR OS MESMOS ERROS

Entendemos, no entanto, que o projeto da burguesia para o país de empobrecimento da força de trabalho, neste momento através da aprovação das reformas, não é somente de Temer e Meirelles, é do capital.

Com a crise econômica nessas proporções a burguesia não vai desistir de tentar impor essas e outras medidas para retomar as taxas de lucro e consequentemente sua lucratividade.

Portanto, é importante afastar qualquer ilusão de que em um eventual retorno de Lula em 2018 esses ataques

irão acabar. Aliás, sob os governos petistas, várias medidas contra a classe trabalhadora foram adotadas como duas Reformas da Previdência, a mudança no Seguro Desemprego e a continuidade no pagamento da Dívida Pública, dentre outras.

Além disso, esse discurso do retorno de Lula em 2018 também canaliza as lutas para a via parlamentar e busca criar a ilusão de que o problema é de quem está no governo e não de quem realmente governa. Para nós, o parlamento e o executivo são órgãos de dominação da classe burguesa e todas essas votações ocorridas para aprovação dessas leis demonstram isso.

A crise mundial reafirma que não há saídas para a classe trabalhadora por dentro do capital e a luta necessita cada vez mais ser anticapitalista para realmente conquistarmos vitórias e avançarmos no sentido de construirmos a sociedade socialista em que o poder estará nas mãos da classe trabalhadora para podermos pôr fim a todas as formas de exploração.

DELAÇÃO DAS EMPREITEIRAS: PONTA DO ICEBERG

A imprensa, o Judiciário e os políticos têm tratado as delações da Odebrecht e demais empreiteiras como se fossem casos isolados. Não é.

O sistema eleitoral e político burguês têm como pressuposto a manutenção do poder sob controle dos capitalistas. As doações aos partidos e aos parlamentares da ordem são partes desse processo de garantir que os políticos comprometidos com o projeto da burguesia sejam eleitos e possam aplicar os planos exigidos pelos capitalistas.

E por esse caminho encontramos os vários setores do capital: burguesia industrial, financeira, agrária, etc. financiando as campanhas de seus candidatos como vimos o envolvimento do setor financeiro nacional e mundial (depositando grandes quantias não controladas pela justiça eleitoral), do setor de bebidas, da indústria de armas, das

seguradoras, etc.

A corrupção nas empreiteiras é, portanto, somente uma ponta do iceberg. Como já dissemos em outras edições: a corrupção é inerente ao funcionamento do capitalismo. E na concorrência (considerando um mesmo nível de desenvolvimento tecnológico) entre as empresas é a forma de gestão de seus negócios.

UM BRASIL COM CONDIÇÕES DE TRABALHO DA CHINA, ÍNDIA, ETC.

O atual processo político e econômico no Brasil somente pode ser compreendido tendo em conta a crise mundial e a tentativa, dos capitalistas, de frear a tendência de queda do lucro e retomar maiores taxas.

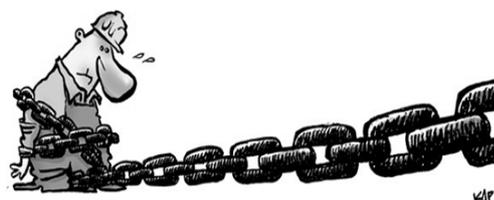
Para isso necessitam reduzir os custos de produção e têm como foco central a redução do valor da força de trabalho. Essa tem sido a razão de várias empresas mudarem sua produção para outros países onde o valor da força de trabalho é menor.

A China e a Índia são exemplos disso. Nos últimos anos a economia chinesa alcançou altas taxas de crescimento econômico, as maiores do mundo. O que permitiu essas taxas foi a chegada de várias plantas fabris de multinacionais que foram atrás de força de trabalho barata e abundante.

Além dos baixos salários, nesses países, a força de trabalho não tem direito à greve, organização sindical e possui longas jornadas de trabalho. Assim, vários setores do capital internacional alcançam taxas mais altas de lucro.

No entanto, estamos em uma crise mundial e profunda, o que faz a disputa pelo mercado mundial ainda mais acirrada e a própria condição de reprodução de riqueza em cada país ainda mais difícil.

Criar condições parecidas com as da China, Índia e outros países – em que o valor da força de trabalho é muito baixo, em que se possa reduzir os custos da produção, em que a classe



trabalhadora não possua direitos e que aceite tudo isso diante da decadência das próprias condições de vida – não é coincidência. É o projeto da burguesia.

E é exatamente esse projeto do capital que o governo brasileiro busca atender. E é para cumprir todas as exigências e concorrer com esses países, na tentativa de atrair empresas multinacionais que buscam essas condições, que o governo busca rebaixar direitos, salários, reduzir gastos públicos, etc.

Portanto, é esse o sentido da aprovação dessas leis – a Terceirização (que precariza ainda mais as relações de trabalho); a Reforma Trabalhista (com garantias legais às empresas para aumentar a jornada de trabalho, limitar direitos trabalhistas com a negociação direta entre sindicatos e empresas); a PEC do Gasto Público e a Reforma da Previdência – que também tornarão o Estado brasileiro mais enxuto, com menos gastos públicos e mais benefícios fiscais para as empresas.

E QUEM DECIDE?

Quem vê o mundo pelas aparências pode pensar que os parlamentares atuam de forma independente e de acordo com suas vontades, mas isso não é verdade.

O parlamento, nesse caso deputados e senadores, como um dos pilares de poder da burguesia é o local onde dão legalidade às decisões tomadas pelos capitalistas.

Vejam as reformas em andamento no país, todas visam garantir aos capitalistas melhores condições para a lucratividade. Os empresários dizem aos parlamentares (e em alguns casos os parlamentares também são empresários) o que precisam e eles elaboram as leis.

Uma questão importante passou “despercebida” pela imprensa no depoimento do dono da Odebrecht: Ele disse que nos anos 90 (época do governo FHC) a Odebrecht e a Globo criaram um grupo privado (“três ou quatro empresas”) para quebrar o monopólio das telecomunicações, petróleo e “outras coisas”. Isto é, na prática, eles decidiram que quebrariam o monopólio, quais mercadorias e como fariam.

Várias Medidas Provisórias (MP), antes de serem editadas, foram

discutidas com as empresas interessadas. Gerdau, Banco BTG Pactual, OAS, Odebrecht foram algumas das empresas que compraram leis que as favoreceram. Ou seja, muitas leis aprovadas por esses políticos, que dizem defender os interesses do povo brasileiro, foram compradas por empresários.

A Emenda Constitucional da Reforma da Previdência é outra que está sob suspeita, mas a mídia silencia e busca não divulgar que o economista Marcelo Caetano (Secretário da Previdência Social) até outro dia era conselheiro da Brasilprev, uma das maiores empresas de previdência privada no Brasil, interessada e que será beneficiada com Reforma da Previdência.

Assim podemos entender que é justamente dos donos dos meios de produção, os capitalistas ou empresários, que vêm as ordens do que deve ser votado e aprovado no parlamento (que também já foi eleito de acordo com cada um desses interesses, isto é, do empresariado, do agronegócio, etc.).

Por isso, para a classe trabalhadora obter conquistas via parlamento a luta deve ser intensa e também contra a burguesia, pois o parlamento somente vota leis favoráveis à classe trabalhadora quando as lutas avançam no sentido de derrotar aqueles que realmente decidem e mandam.

E é assim que necessitamos lutar lutar contra essas reformas.

O FUNDO DO POÇO DAS BUROCRACIAS SINDICAIS

Outro aspecto importante para compreendermos esse momento da crise e a correlação de forças na luta de classes é o movimento dos organismos da classe trabalhadora. Também aparecem nas delações as propinas direcionadas aos dirigentes sindicais da CUT, Força Sindical e outras. Novo é o fato de assumirem publicamente. Mas, para nós não foi nenhuma novidade pois, não fazem nada além de negociações para perder menos.

Temos polemizado sobre a natureza da decadência da CUT e de outras centrais sindicais pelegas. E essa decadência não se deve somente ao apoio aos governos de plantão. CUT (e outras) com Lula e Dilma e Força Sindical (e outras) agora com Temer.



O apoio aos governos e aos patrões é somente uma faceta desse processo. Trata-se de uma adesão e incorporação à gestão do capital.

Defendem o banco de horas nas empresas (garantindo às empresas aumentar a jornada de trabalho sem custos quando aumentar a produção), apoiam as empresas na disputa de mercado (incentivando os trabalhadores para consumirem determinadas marcas de produtos), defendem a concessão de benefícios fiscais para a instalação ou mudança de plantas mesmo que isso resulte em desemprego e, claro, a defesa de políticas econômicas pró-capital.

E isso se dá até mesmo como orientação dentro das empresas com atitudes que parecem insignificantes: os dirigentes de base e até mesmo algumas Comissões de Fábricas, muitas vezes, criticam os trabalhadores por “enrolar” no serviço, não cumprir toda a jornada, faltar ao trabalho, etc. Ou seja, começam ali mesmo a fazer o papel de capatazes.

Como não dizem abertamente que estão juntos com os patrões, buscam dar uma “cara de esquerda” para sua adaptação à gestão do capital. A CUT, por exemplo, defende a tese do “neodesenvolvimentismo”, segundo a qual, as empresas aumentando a produção geram empregos e melhores salários para os trabalhadores.

A realidade brasileira desmente essa tese, pois “nunca na história desse país” o capital lucrou tanto e mesmo assim vemos desemprego, baixos salários, empregos precarizados, etc. Não há como fugir da lógica de quanto mais produção e exploração, mais os capitalistas acumulam, mais concentram riqueza e mais miséria produzem.

RECUPERAR OS SINDICATOS PARA A LUTA! LUTAR CONTRA AS BUROCRACIAS!

Tudo isso serve muito bem aos patrões, pois quando os trabalhadores entendem tudo isso se afastam desses organismos porque passam a relacioná-los com a defesa da empresa.

Com a Reforma Trabalhista, em que o negociado pode prevalecer sobre o legislado, o enfraquecimento da organização sindical da classe trabalhadora interessa e muito à patronal, que vai poder impor a redução de direitos e até mesmo a redução salarial.

Por isso é fundamental o apoio com toda a nossa força às iniciativas de organização independente de trabalhadores nos locais de trabalho e nas categorias. Também é fundamental a organização de grupos de oposição e de unidade de oposições de esquerda para varrer das entidades sindicais os pelegos que escondem e mentem para a classe trabalhadora sobre seu atrelamento ao governo e favorecimento aos patrões.

E AS SAÍDAS PARA A CRISE...

Nas crises política e econômica a questão de qual saída construir é fundamental. A burguesia, a depender da correlação de forças e do caráter político da mobilização da classe, pode apostar em construir um candidato até mesmo que indique saídas para a crise

A GREVE GERAL MOSTROU QUE É POSSÍVEL DERROTAR TEMER E AS REFORMAS DO CAPITAL

Como já dissemos, Temer é um governo que existe para defender o capital. É um funcionário da burguesia. Quando implementa as reformas atende aos interesses de seus amos, dos capitalistas.

Mas, agora, a classe trabalhadora está se mobilizando e nas ruas.

A MAIOR MOBILIZAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA DESDE 1989

Dia 28 de abril o Brasil parou contra as reformas do capital. Estima-se que 40 milhões de trabalhadores e trabalhadoras paralisaram as atividades. Foram realizadas manifestações de ruas reunindo milhares de pessoas.

Também ocorreram atividades de trancamentos de avenidas e rodovias, piquetes em frente a

de tipo fascista.

Para nós, da classe trabalhadora, o caminho sempre deve ser o da luta contra o capitalismo, o da destruição do poder burguês, o da revolução.

Há neste último ano no movimento todo um debate sobre as propostas da esquerda revolucionária, principalmente no caso de se efetivar a saída de Temer. Entre as propostas há eleições diretas, eleições gerais com novas regras e assembleia constituinte livre e soberana.

Não compactuamos com essas bandeiras. Primeiro, são bandeiras que levam a luta, inicialmente, para a disputa eleitoral e institucional. Segundo, o papel da esquerda socialista e revolucionária não é ajudar a burguesia estabilizar o seu regime. Terceiro, a tendência é que setores pró-capital ainda sejam maioria e sigam com os mesmos ajustes sobre a classe trabalhadora. Portanto, com essa correlação de forças e a consciência geral, com novas eleições quaisquer que sejam as regras, apresentar-se-ão ainda a tendência de que setores mais conservadores se mantenham fortalecidos e aplicando essas e outras medidas contra a classe trabalhadora.

Importante observar que há momentos da luta de classes que é correto os revolucionários defenderem bandeiras democráticas como eleições e assembleia constituinte, mas é exceção. No Brasil na luta contra a

garagens, comércio, entre tantas outras atividades de construção da greve geral.

Uma presença importante nessa Greve Geral foi da juventude construindo esse momento nas escolas, universidades e participando das atividades de piquetes. A unidade entre estudantes e trabalhadores em ação direta foi fundamental para construir essa luta e também fortalecer as futuras gerações.

A última Greve Geral realizada pela classe trabalhadora brasileira foi em 1989. Dois dias, nas principais cidades brasileiras, com paralisação de fábricas, bancos, comércios, transportes e várias outras categorias.

UMA NOVA CONJUNTURA

Desde as manifestações de 8, 15 e 31 de março entramos em uma outra

ditadura militar a massiva campanha pelas “diretas já” cumpriu um papel importante para derrotar a ditadura, trata-se de uma questão tática. Não é esse o momento atual.

Em relação ao “Fora Temer” também não temos adotado essa palavra de ordem, mesmo com toda popularidade, por entendermos que a saída de Temer não arquivará as reformas e nem resolverá o problema da classe trabalhadora, quem o substituir (na linha sucessória da própria democracia burguesa) seguirá os planos, pois não existe uma alternativa, neste momento, construída nas lutas e que represente os interesses da nossa classe. Além disso, a maioria dos que defendem o “Fora Temer” buscam ou seguem o caminho de estabilização da situação política.

No entanto, é evidente que a derrubada de Temer pela ação revolucionária da classe trabalhadora é fundamental e para isso o fortalecimento das lutas, das greves, das ações diretas são essenciais.

É no calor das lutas que a questão do poder político alternativo classista se realiza e poderá se consolidar. Portanto, seguimos dizendo que confiamos no endurecimento das lutas contra as reformas e não temos nenhuma confiança nas instituições burguesas. Lutamos pelo poder da classe trabalhadora e pelo socialismo!



conjuntura (aspectos mais imediatos da luta de classe) marcada pelo início da resistência da classe trabalhadora.

Com a paralisação da produção e as ruas sendo tomadas há um encorajamento do conjunto da classe que faz aumentar as lutas. Mas, isso não nos levar a um ufanismo, pois ainda atravessamos uma situação política (elementos mais estruturais, profundos da luta de classes) marcada pelos ataques aos direitos sociais e trabalhistas.

Temer e os parlamentares da base governista já declararam a continuidade

da votação das reformas, ou seja, há muita luta pela frente.

O elemento mais importante dessa conjuntura é que está apresentada a possibilidade de derrotarmos as reformas. Ainda que isso seja muito difícil, pois elas são fundamentais para Temer e, principalmente, para garantir a lucratividade do capital.

DIFERENTE DE 2013, AGORA É A CLASSE TRABALHADORA ORGANIZADA

As mobilizações de 2013 eram de milhões de pessoas e foi um momento político muito importante, mas não tivemos a participação da classe trabalhadora de forma organizada. Os trabalhadores que participaram apresentavam-se na condição de indivíduo e não como categoria profissional organizada ou classe.

Dessa vez é diferente. Categorias votam em assembleias a participação na Greve Geral, os piquetes realizados, a construção de comitês de base nos bairros e cidades, enfim, todas essas atividades serviram para dar um caráter militante à Greve Geral.

A participação da classe trabalhadora organizada é fundamental porque interfere diretamente na produção e na circulação de mercadorias, atingindo diretamente o coração do capital.

A SAÍDA NÃO É LULA

PT e Lula têm tentado “se apropriar” desse movimento e com isso fortalecer a candidatura de Lula em 2018 ou mesmo se houver a antecipação das eleições (como

é o caso de propostas que tramitam no Congresso Nacional para que aconteçam as eleições em outubro desse ano).

A unidade com os diversos setores do movimento sindical, estudantil e popular é fundamental para fortalecer a luta, pois a esquerda não tem condição de levar essa luta sozinha. Mas, a unidade não pode significar qualquer apoio ou compromisso com o projeto petista de canalizar a luta para as eleições, pelo contrário, é fundamental demarcarmos nossa oposição a essa saída.

Lula e Dilma, agora na oposição ao governo, querem que esqueçamos as reformas e as várias medidas contra os direitos da classe trabalhadora realizadas por eles. O PT é um partido, há muito, comprometido com o capital e continua nesse caminho de braços dados.

A IMPORTÂNCIA DA GREVE GERAL

A greve é o momento da classe trabalhadora tomar em suas mãos o seu destino. Decide o que e como fazer: arrastão, assembleia, atividade cultural, enfim, não é o patrão quem manda. É um dos poucos momentos de liberdade que temos na sociedade capitalista.

E quando falamos de Greve Geral é ainda mais importante, pois é quando a classe trabalhadora mostra à toda sociedade que sem ela nada funciona. De que adianta prédio, máquina, ônibus, trem, lojas se não tiver o trabalhador e a trabalhadora? Capital não se reproduz.

É por isso que a burguesia e os governos tremem quando tem Greve Geral, pois se trabalhadores e

trabalhadoras entenderem essa relação vão perceber o tamanho de sua força no mundo.

SEGUIR LUTANDO ATÉ DERROTAR AS REFORMAS DO CAPITAL

O tamanho e a importância da Greve Geral devem ser realçadas, mas somente esse dia ainda não é suficiente para derrotar Temer e as reformas. É preciso dar continuidade a essa luta, com a realização de outras manifestações, atos e greves gerais de mais dias.

A construção de uma nova Greve Geral com mais força torna-se decisivo para levar Temer ao nocaute. Enfim, temos um longo caminho pela frente.

Outra questão importante para a continuidade da luta é a construção e o fortalecimento de comitês de base contra as reformas e para preparar novas ações da luta.

Esses comitês cumpriram um papel importante na explicação do significado da reforma com a realização de palestras, panfletagens nas fábricas, agitações nas praças, ônibus, trens, etc.

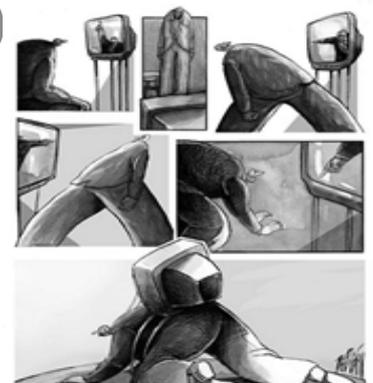
A organização desses comitês também pode contribuir para a construção da unidade da esquerda nas lutas e do fortalecimento da pressão sobre as direções sindicais burocráticas que querem se aproveitar da força do movimento para negociar pontos da Reformas, mudando apenas uma questão aqui ou outra ali. Para nós não deve haver nenhuma negociação com o governo e os patrões, somente o arquivamento dos projetos derrotará de vez as reformas.

IDEOLOGIA: UMA BREVE INTRODUÇÃO RAFAEL ROSSI

Um debate “quente” no âmbito da reflexão científica e, principalmente, no seio do marxismo, com certeza, diz respeito ao entendimento sobre a ideologia e sua relação com a realidade social. Não é nosso intuito expor de modo detalhado toda esta discussão mesmo no interior do marxismo. O objetivo é explicitar, mesmo que de modo extremamente breve, os fundamentos mais gerais que nos permitem compreender quando determinadas ideias exercem ou não o papel de ideologia. Para tanto, partiremos das pistas deixadas pelo filósofo húngaro Gyorgy Lukács e, também, do próprio Marx. Entretanto, é igualmente importante afirmar que não estamos escolhendo estes autores por mero “gosto” ou “preferência acadêmica”. Ao contrário, tais pensadores nos deixaram indícios de suma relevância para a compreensão do que é ideologia a partir de seu exame em confronto com a própria realidade objetiva em seu processo histórico e, desse modo, não

trataram de “fantasmar” ou “construir” suas reflexões de modo especulativo ou transcendental, mas sim, a partir da análise real do próprio processo de reprodução social.

É muito comum o b s e r v a r m o s posicionamentos que consideram a ideologia como sinônimo de falsa consciência e, nesse modo de encarar a questão, tudo que é enganador, que escamoteia as contradições da realidade e que é falso seria, portanto, ideologia. Todavia, se isto fosse real, como explicar aquele conjunto de ideias que orientam a prática social numa postura revolucionária e, com isso, com pressupostos científicos verdadeiros?



Pois bem. Estamos convencidos de que na investigação de qualquer dimensão humana devemos sempre realizar uma análise que procure evidenciar 1) a gênese; 2) a natureza e; 3) a função social que esta atividade humana possui no processo de reprodução social. Agora, se escolhermos entender determinada dimensão social como a ideologia, por exemplo, apenas escolhendo a definição que mais nos agrada, estaremos colocando a nossa subjetividade. Ou seja, o nosso querer acima daquilo que a própria realidade social demonstra em seu processo histórico.

Se procedermos do primeiro modo (buscando a gênese, a natureza e a função social) veremos que a ideologia já existia antes do surgimento das sociedades cindidas em classes sociais com interesses antagônicos e inconciliáveis. Nesse período, a ideologia se consubstanciava naquele conjunto de concepções de mundo que efetivamente orientavam a práxis social dos seres humanos. À medida que os seres humanos desenvolviam os atos de trabalho (no sentido da relação orgânica da sociedade com a natureza para a produção de valores de uso), uma série de comportamentos, habilidades, técnicas, conhecimentos, valores etc. foram sendo elaborados e contribuindo na formação do patrimônio material e espiritual da humanidade. Alguns conhecimentos, valores e concepções de mundo ofereciam orientações práticas à vida cotidiana e, precisamente aqui, podemos perceber a gênese da ideologia num sentido amplo.

Por volta de 12 mil anos atrás com a Revolução Neolítica houve o surgimento de uma categoria que nunca antes havia existido na história da humanidade: o trabalho excedente. Agora, o que o indivíduo produzisse era superior à sua capacidade de consumo individual. Porém, ainda assim, a soma de toda a produção social era insuficiente para atender às necessidades de todos os indivíduos. Isto representou um salto fundamental na humanidade, pois se tornava uma possibilidade real e concreta a exploração do ser humano por outro ser humano. Algumas tribos passaram não só a saquear outras tribos, mas também, a escravizar seus

membros. Antes da Revolução Neolítica todos os indivíduos de uma determinada comunidade tinham que trabalhar para poderem garantir a sobrevivência do bando. Após este salto qualitativo essencial que a entrada em cena do trabalho excedente representou, abriu-se a possibilidade de colocar uma parte dos indivíduos para vigiar, por meio da violência, outros seres humanos em situação de escravidão.

Estamos assistindo o surgimento das classes sociais que estão umbilicalmente articuladas à introdução da propriedade privada (entendida aqui enquanto o fato de uma classe se apropriar privadamente do fruto do trabalho de outra classe). No âmbito das sociedades de classes (seja a sociedade escravista, a sociedade feudal ou a sociedade capitalista) a *função social* da ideologia passa a ser a orientação da práxis social perante um conflito social real entre as classes sociais fundamentais daquela formação social específica.

Relevante chamar a atenção para o fato de que uma vez que surgiram as classes sociais, são elas que se conformam no sujeito fundamental – porém não único – do conhecimento. Isso ocorre porque são as classes sociais que colocam determinadas exigências e interesses no que diz respeito à produção do conhecimento e, com isso, os indivíduos irão pesquisar de modo consciente ou não a partir destas mesmas exigências e interesses. Este processo nos indica a impossibilidade real da exigência de uma “neutralidade ideológica” na ciência ou na educação, por exemplo.

Em Marx, basicamente, verificamos a existência de dois sentidos de ideologia. O primeiro e mais famoso está presente no seu livro escrito com Engels intitulado “*A Ideologia Alemã*”, onde eles denunciam a inversão idealista realizada pelos filósofos alemães que, de modo geral, não paravam para analisar a vinculação de suas ideias, discursos e teses com as condições materiais da existência social. Por isso, mesmo eles afirmaram que “totalmente ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui é da terra que se sobe ao céu”, ou seja, é a partir da realidade social e concreta que se analisa as concepções ideológicas.

Outro sentido de ideologia está

presente em Marx no seu famoso “*Prefácio de 1859*” e, inclusive, é deste texto que Lukács parte para a consideração da ideologia como função social. Uma ideia ou uma teoria científica só pode se converter em ideologia, de acordo com Lukács, depois de terem se transformado em “veículo teórico ou prático” para resolver conflitos sociais.

Lukács cita como exemplo a astronomia heliocêntrica e a teoria do desenvolvimento da vida orgânica em que ambas se constituíram em ideologia apenas depois da atuação de Galileu ou Darwin, pois a partir de suas elaborações, outros puderam utilizar seus posicionamentos para travar combates “em torno dos antagonismos sociais” e, com isso, elas “se tornaram operantes” enquanto ideologias.

Em síntese, podemos entender a ideologia como uma forma específica de resposta prática às exigências e conflitos sociais desencadeados pelas classes sociais. Algumas ideologias podem se utilizar de conhecimentos científicos verdadeiros ou de falsidades para sua operacionalização. Todavia, como vimos, não é o critério de verdade ou falsidade que determina o que é ou não uma ideologia, mas sim, a sua *função social* em tornar a práxis social consciente e operante frente a um conflito social real e concreto.

Com o desenvolvimento do ser social, certamente, também ocorrerá o desenvolvimento e a complexificação da ideologia enquanto um complexo social. Teremos *ideologias puras* (pensemos na filosofia e na grande arte) e *ideologias específicas* (o direito e a política, por exemplo). De modo bem sucinto, as *ideologias específicas* estão

SUGESTÃO DE ESTUDOS

Marx: é fundamental a leitura de seu “*Prefácio de 1859*”. Lukács: compreendemos que o estudo de sua Ontologia continua a ser tarefa indispensável para a práxis revolucionária hoje. Sergio Lessa: sugerimos seu livro “*Para compreender a Ontologia de Lukács*”. Ivo Tonet seu “*Método Científico: Uma abordagem ontológica*”. Ester Vaisman: “*A determinação marxiana da ideologia*”. A respeito da articulação entre trabalho e ideologia na luta socialista, sugerimos nosso texto “*Trabalho, Ideologia e Emancipação Humana*” . baixar em: rafaelrossiite.wordpress.com

voltadas para a ação direta sobre o complexo social da economia e as *ideologias puras* dirigem-se à percepção do indivíduo enquanto membro do gênero humano e, por isso mesmo, estão voltadas ao *para-si*.

O critério mais apropriado para a análise das ideologias deve ser a função

que ela desempenha no processo de reprodução social e, portanto, a sua própria vinculação e interferência prática na realidade objetiva. A ideologia, nos dizeres de Lukács, é uma forma de “elaboração ideal da realidade que serve para tornar a práxis social humana consciente e capaz de

agir”. Certamente o poder de influência e interferência prática da ideologia dominante é muito maior do que o de ideologias críticas e revolucionárias, já que o poder da ideologia não se justifica por si mesma, mas sim, emana do solo social e da classe à qual está vinculada.

A CARNE É FRACA E O SISTEMA É PODRE

O Brasil tem uma economia exportadora, principalmente de produtos primários, agrícolas e de baixo valor agregado (as commodities), mantendo sua posição de país periférico, ou seja, submete sua produção às regras do mercado mundial e às políticas econômicas dos países imperialistas. Essas mercadorias são especuladas na bolsa de valores com grandes chances de lucro, pois os bancos compram e as revendem, gerando assim especulação e rendimento às custas da fome das pessoas.

Assim, percebemos que os alimentos que consumimos não são produzidos para a soberania e para a segurança alimentar e nutricional, mas sim para garantir o lucro do capital. No capitalismo, não há problemas em utilizar agrotóxicos, sementes transgênicas e injeção de hormônios que aumentem o volume da carne produzida, mesmo sem considerar os malefícios que isso causa à nossa saúde, desde que haja o constante aumento do lucro dos empresários da indústria agropecuária. A saúde dos trabalhadores está, pois, cotidianamente ameaçada pela comida por eles mesmos produzida e, pelo capital, envenenada.

A operação Carne Fraca, realizada pela Polícia Federal e deflagrada em 17 de março deste ano, é mais um episódio deste circuito de corrupção e esquemas de garantia da “eficiência” na produção de carnes no Brasil.

Gigantes do setor como JBS (Friboi, Seara e Swift) e BRF (Sadia e Perdigão) foram alvo de denúncias de violações sanitárias e fraudes na fiscalização. Além dessas, outras empresas menores são investigadas por suspeitas de comercializar carnes estragadas e/ou adulteradas destinadas ao consumo humano, a partir

do pagamento de propina aos fiscais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

As investigações ainda não foram concluídas, mas devemos compreender que a possível punição por esses crimes deve recair sobre os proprietários dos frigoríficos, seus técnicos e demais funcionários públicos denunciados na operação. Afinal, os trabalhadores dessas empresas não são os responsáveis pela adição de ácido ascórbico à carne, a fim de mascarar o seu prazo de validade, ou pela água adicionada à carne de frango, conforme consta no relatório da operação. Tampouco são eles os responsáveis pelo uso de cabeça de porco na fabricação de embutidos nem pela carne infectada com salmonela. Tudo isso são as políticas dessas empresas, com vistas à diminuição do valor de produção e o possível consequente aumento de sua lucratividade.

Estamos em defesa dos mais de 400 trabalhadores que foram demitidos do frigorífico Peccin, após a interdição de suas duas unidades, de Curitiba e de Santa Catarina, desde o início da operação. Do mesmo modo, não podem ser punidos os trabalhadores das fábricas JBS do Mato Grosso, os quais receberam “férias coletivas” após as investigações.

Diferentemente dessas grandes empresas investigadas, provavelmente financiadoras de campanhas eleitorais (monopólios devido aos investimentos de recursos públicos provenientes do BNDES ao longo dos governos petistas), os trabalhadores demitidos não receberam indenizações pela interdição dos frigoríficos. Os operários são sempre os mais prejudicados!



“[...] Se se considera que muitos casos permanecem impunes, dada a extensão dos mercados às margens das principais ruas, e escapam às raras investidas da fiscalização (de outro modo, como se explicaria o desdém com que essas peças inteiras de gado são postas à venda?); se se pensa que a tentação de vender carne estragada deve ser enorme, uma vez que as multas (como vimos acima) são incompreensivelmente pequenas; se se imagina, enfim, em que condições devem estar a carne para ser apreendida pelos fiscais como absolutamente imprópria para o consumo – se se leva em conta tudo isso, é impossível acreditar que, em geral, os operários possam comprar uma carne saudável e nutritiva.” (A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. Engels)

Não podemos cair na artimanha de setores petistas e dos deputados conservadores da Frente Parlamentar da Agropecuária (integrantes da bancada da Bíblia, da Bala e do Boi na câmara federal) que buscam questionar a operação em defesa das “indústrias nacionais”, para inviabilizar o processo como forma de impedir seu andamento, visto que essas empresas têm fortes ligações com figuras destes partidos.

Porém, também é importante refletir acerca do papel do Judiciário que não vai a fundo nas investigações, pois defendem os interesses dos setores da burguesia que competem no mercado. Quando as alianças são retomadas entre os capitalistas, para garantir a sua lucratividade, logo começa a já conhecida morosidade judicial que não leva à punição de nenhum grande empresário. O sistema pode ter suas desavenças, mas sabe se unir para explorar e acabar com a saúde do trabalhador quando for necessário.

Sempre precisamos repudiar qualquer medida que implique na deterioração dos alimentos da nossa mesa, mas infelizmente precisamos compreender que essa é a regra e não a

exceção. Os alimentos que consumimos não são produzidos para manter a saúde da população. O objetivo maior é manter o lucro. Enquanto for assim, nunca teremos acesso a uma nutrição saudável. Medidas individuais como plantação caseira, hortas comunitárias e afins parecem ser boas alternativas, mas elas não possibilitam um acesso pleno a uma alimentação 100% saudável à

grande massa de trabalhadores, visto que não há como produzir toda a variedade de alimentos por meio de pequenas plantações. Além do mais, saídas individuais não resolvem um problema que é social e não somente de algumas pequenas comunidades.

Precisamos construir um novo modo de produção, no qual as nossas necessidades vitais sejam prioridades,

sem que haja, portanto, a classe burguesa parasitária. Por isso, necessitamos de uma revolução socialista!

NOTA:

Para conhecer a cruel realidade da superexploração dos trabalhadores dos frigoríficos brasileiros: Carne, Osso (Direção: Caio Cavechini e Carlos Juliano Barros), disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=887vSqI35i8>

EMANCIPAÇÃO HUMANA VERSUS EMANCIPAÇÃO ANIMAL?

CARLOS EDUARDO

Há um debate intenso sobre a relação que se estabelece entre o consumo da carne e a tomada de uma posição política frente a restrição do uso deste produto. Não existe a possibilidade de desenvolver profundamente esse debate neste texto, porém, é possível destacar alguns elementos principais.

O vegetarianismo e o veganismo não possuem uma unidade teórica de modo a direcionar o debate sobre a relação entre os seres humanos e o restante dos animais. Então, muito do que será colocado aqui pode ser contrário à opinião de pessoas que aderem à essas práticas ou pode não corresponder por completo a certas análises.

Muito se diz sobre o sofrimento causado aos animais na produção de alimentos humanos, cosméticos, roupas etc. Tal sofrimento passa a ser a justificativa básica para a restrição ao uso desses produtos. Todos os ramos do agronegócio têm prejudicado o meio social, na medida em que os grandes empresários e banqueiros utilizam a alimentação como mais uma forma de girar altas quantias de capital no mercado mundial. As consequências para o solo e para todos os seres vivos são enormes, tanto ambientais quanto nutricionais. Assim, assumir uma posição vegetariana/vegana crítica implica em reconhecer que o problema alimentar está para além do consumo de carnes, mas também é reconhecer o antagonismo entre produção capitalista e equilíbrio ecológico.

Precisamos destacar uma premissa importante: o especismo que faz com que a humanidade se assuma como espécie superior aos outros animais, colocando-se na posição de ter mais direitos por suas características sencientes. Dessa forma, o consumo de animais pelos humanos, diferente de outras espécies (que são carnívoras), existe mais em função do desejo de consumo, tradição e herança cultural etc. do que em função de reais necessidades nutricionais. Há poucas análises críticas sobre esse consumo atualmente, em que o desenvolvimento das forças produtivas já alcançou um nível em que poderíamos descartar esse recurso como fonte de alimentação. Ressalta-se ainda que a maioria dos animais têm sistema nervoso e diversos níveis de sciência. A matança, inevitavelmente, acaba gerando muito sofrimento para eles e para os humanos, mesmo que nós apenas os objetifiquemos como “alimento” sem levar em consideração as suas vidas.

Logo, assumir uma posição política de combate ao consumo de carne (e derivados), ainda que seja uma posição individualista e, portanto, limitada, significa romper com certo status quo sobre as nossas relações sociais com os outros animais. Ainda que a dieta vegetariana/vegana não supere o sistema do capital em si, ela é uma necessidade para lidar com as contradições desse sistema e útil para discutir com a classe trabalhadora os malefícios ecológicos do mercado da matança animal.

REVOLUÇÃO RUSSA: DE FEVEREIRO ÀS TESES DE ABRIL

SÉRGIO LESSA

Antes de tudo, uma recomendação aos leitores: na leitura de textos de história, é fundamental ter sempre um mapa à mão. Com a internet, isso agora se tornou muito simples. Há mapas de todas as épocas históricas, não deixem de consultá-los!

Em agosto de 1914 tem início a I Guerra Mundial. Enfrentavam-se dois blocos capitalistas imperialistas pela disputa do mercado mundial. De um lado estavam os países que se tinham industrializado nos fins do século XVIII ou começo do XIX: Inglaterra, França e Bélgica. Estes países já possuíam sólidas bases comerciais na África, Europa e Ásia. A Rússia, país cujos interesses imperialistas coincidiam com os da França e Inglaterra, e além disso, tendo sua

economia fortemente dependente do capital francês, aderiu a este bloco.

O outro bloco imperialista era formado pela Alemanha e o Império Austro-Húngaro. Estes países, que se industrializaram na segunda metade do século passado, e partiram por isso atrasados para a conquista de mercados, necessitavam ampliar sua área de influência econômica para continuar a se industrializar.

A entrada da Rússia na guerra é o início do fim do império czarista. Suas arcaicas estruturas socioeconômicas não suportarão o esforço necessário à guerra. A incompetência administrativa, a corrupção, e em menor grau, a própria degenerescência física da dinastia Romanov contribuirão para lançar a Rússia numa profunda crise econômica

cujas únicas saídas históricas se revelaram ser a Revolução.

A crise econômica, em 1916, havia lançado a população russa à fome. Milhares de pessoas morreram no inverno de 1916-1917 -- e o problema do abastecimento se transformou na principal questão para as massas trabalhadoras russas.

A REVOLUÇÃO DE FEVEREIRO

“O dia 23 de fevereiro de 1917 era o Dia Internacional da Mulher. Os círculos sociais democratas (isto é, o Partido Social Democrata, rachado entre mencheviques e bolcheviques) tinham intenção de comemorar esta data com panfletos, reuniões e discursos. Não tinha ocorrido a ninguém que ela poderia



se transformar no primeiro dia da revolução. Nenhuma organização tinha convocado greve para aquele dia. Ainda mais, mesmo uma organização bolchevique, das mais militantes -- o Comitê do Distrito de Vyborg, todos operários -- estava se opondo a greve". (História da Revolução Russa de L. Trotsky. Obs: Para evitar um número excessivo de notas e referências, todos os fatos e "falas" foram retirados dessa. Apenas serão citados os que vierem de outras fontes).

No entanto, no dia 23 de fevereiro, as mulheres de diferentes indústrias têxteis entraram em greve exigindo melhorias no abastecimento de gêneros alimentícios. Enviaram delegados aos metalúrgicos pedindo solidariedade. Kaiurov, um dos líderes bolchevique em Petrogrado é que conta: "Com relutância, os bolcheviques concordaram com isso, e eles foram seguidos pelos trabalhadores mencheviques e sociais-revolucionários. Desde que haja uma greve de massas, deve-se chamar todos à rua e tomar a liderança. A ideia de sair às ruas estava há muito nas cabeças dos trabalhadores, só que naquele momento ninguém imaginava onde ela ia levar."

No final do dia 23, cerca de 90 mil trabalhadores estavam em greve. Uma grande massa de grevistas se dirigiu para a Duma Municipal (governo municipal czarista) exigindo pão. Algumas bandeiras vermelhas apareceram durante a manifestação. Ocorreram alguns encontros entre a polícia e os manifestantes, mas nesse primeiro dia o movimento se restringiu a Petrogrado. O dia Internacional da Mulher havia transcorrido com sucesso. Uma manifestação que no dia anterior ninguém acreditava que fosse ocorrer. E agora, o que seria do dia 24?

O amanhecer do dia 24 encontrou uma Petrogrado em greve. Contínuas manifestações de grevistas ocorriam na

Avenida Nevsky, a principal da capital czarista. Os cossacos (tropas de elite da monarquia russa, que possuíam sua própria terra e eram proprietárias dos seus equipamentos militares e de seus cavalos) constantemente avançavam sobre os manifestantes, mas sem maiores violências. "Os cossacos prometeram não atirar, corria de boca em boca."

Neste segundo dia da revolução, começou a surgir em meio da massa grevista diferenças no tratamento com os aparelhos de repressão czarista. Em relação à polícia e à polícia secreta, a população mostrava uma clara hostilidade, e os linchava sempre que a situação permitisse. Bem diferente era a atitude da multidão frente ao Exército e aos cossacos, uma atitude amigável, buscando o apoio, ou ao menos a neutralidade dos cossacos e soldados. Multidões de trabalhadores se dirigiam aos quartéis do exército e dos cossacos. No interior dos quartéis era crescente o descontentamento dos soldados rasos com os oficiais e o regime, e crescia o mal-estar entre eles na medida em que aumentavam os rumores que o regime czarista iria mandar os soldados para a rua reprimir os grevistas.

Na Duma (o legislativo do czarismo), um fato era contado à meia-voz que, verdadeiro ou não, demonstra bem a tensão do dia: na Avenida Nevsky a massa revolucionária estava saudando com hurras os cossacos porque impediram um policial de chicotear uma senhora. Naquele dia, os trabalhadores da Erikson tiveram um encontro interessante com os cossacos na Av. Sompsonievsk. Todos os trabalhadores da fábrica, uns 2.500, foram cercados pelos cossacos durante uma manifestação. Os oficiais ordenaram que os cossacos fizessem uma carga sobre os operários. Os cossacos, alguns sorrindo, alguns piscando para os manifestantes, se limitaram a seguir em fila indiana pelo corredor já aberto nos manifestantes pelos cavalos dos oficiais. Percebendo que outra carga colocaria novamente em contato os cossacos com os trabalhadores, e que estes poderiam aderir aos manifestantes, os oficiais decidem formar uma barreira com

os cavalos para impedir que os manifestantes se dirigissem para o centro da cidade, onde se encontrava a massa dos grevistas. "Mas nem isso ajudou. Ficando parados, em perfeita disciplina, os cossacos não impediram os trabalhadores de mergulhar sob seus cavalos. A revolução não escolhe seus caminhos: fez seus primeiros passos para a vitória sob o umbigo de um cavalo cossaco."

Isto não significa que os cossacos formassem os setores mais revolucionários do aparelho repressivo czarista. É que, com seus privilégios (propriedade garantida por lei etc.) eles sentiram mais do que os outros soldados a crise causada pela guerra e pela ineficiência administrativa da monarquia czarista. Além disso eles estavam cansados de serem mandados de um local para outro para reprimir manifestações e queriam voltar para casa para o cultivo dos campos de primavera.

"No entanto, esses episódios ainda eram meros sintomas. O exército era ainda o exército, estava atado com sua disciplina, e o comando estava nas mãos da monarquia. A massa dos trabalhadores estava desarmada. Os líderes não pensavam, ainda, numa crise decisiva."

No dia 25, a greve se alastrou ainda mais, atingindo 240 mil operários. Um bom número até mesmo de pequenas indústrias aderiu à greve. Oradores se dirigiam às grandes multidões no monumento de Alexandre III quando a polícia secreta abriu fogo. A multidão respondeu e um oficial e um soldado morrem e vários outros são feridos. Os cossacos, logo após os policiais abrirem fogo sobre os manifestantes, intervêm a favor dos grevistas, dispersando os policiais montados.

Kaiurov conta como, quando um grupo de manifestantes foi disperso pelos chicotes da polícia montada sob os olhares de um destacamento cossaco, ele, ao invés de fugir com os outros manifestantes, se dirigiu aos cossacos com o boné nas mãos: "Irmãos cossacos, ajudem os trabalhadores na sua luta por pedidos pacíficos; vocês vêm como os faraós (apelido da polícia montada) tratam os trabalhadores

famintos. Ajudem--nos. Os cossacos se olharam de uma maneira especial, relata Kaiurov, e nós mal estávamos fora do caminho quando eles investiram na luta. E alguns momentos após (...) a multidão estava carregando nos braços um cossaco que tinha matado um inspetor policial com seu sabre”.

Um grande papel foi exercido pelas mulheres na melhoria das relações entre os soldados e os trabalhadores.

Neste dia, o czar Nicolau II telegrafou para Kabalov, comandante militar de Petrogrado, ordenando-lhe para acabar com as manifestações “amanhã”.

Um levante de massas para ser vitorioso precisa ir acumulando vitórias a cada dia que passa. Uma interrupção na ofensiva revolucionária pode ser fatal. Se no dia 25 a vacilação de uma parte do exército e a adesão de uns poucos cossacos tinha jogado a revolução para frente, não era, em absoluto, suficiente para garantir uma vitória das massas sobre o czarismo. O dia seguinte seria decisivo. O czar ordenara que o exército saísse às ruas em massa para acabar com a revolução. Como as massas reagiriam sob o fogo?

Na noite do dia 24 para 25 centenas de revolucionários foram presos, entre eles cinco membros do Comitê Bolchevique de Petrogrado, e a liderança dos bolcheviques ficou nas mãos do comitê de Vyborg.

Além do mais, o dia 25 era domingo e a cidade estava vazia, os trabalhadores não se encontrariam de madrugada nas fábricas. De manhã, a czarina telegrafou ao czar: “A cidade está calma”.

No entanto, aos poucos os trabalhadores se encontraram nos subúrbios e aos grupos se dirigiam à Avenida Nevsky. Os operários encontraram as pontes sobre o Rio Neva, que separa os bairros operários do centro, ocupadas por tropas do exército e cruzaram os rios sobre o gelo. O exército fez fogo. Muitos trabalhadores são atingidos. O tiroteio sobre os trabalhadores continuou de cima dos telhados e dos balcões das casas dos bairros burgueses. Mesmo assim, os trabalhadores não recuaram, e logo que cessavam os tiros, eles voltaram para o centro das ruas.

O fuzilamento dos manifestantes



fez com que muitos líderes revolucionários considerassem que era o momento de terminar com a greve. O comitê Bolchevique de Vyborg discutiu longamente o assunto: isto a doze horas da vitória sobre a monarquia!

Entre os burgueses monarquistas e liberais, e mesmo entre os comandantes do exército, a mesma vacilação existia: o que fazer? Mesmo recebendo ordens de fazer fogo sobre os manifestantes, alguns regimentos dos cossacos e do exército haviam demonstrado simpatias em relação aos grevistas. Outro dia de luta poderia fazer com que aumentasse ainda mais essa simpatia, principalmente entre a infantaria. O que seria mais prudente? Reprimir ou atender a algumas das reivindicações dos grevistas?

Os líderes dos dois lados vacilavam porque ninguém sabia qual seria a exata correlação de forças no dia seguinte.

O crescimento da manifestação, em termos de volume, foi acompanhado pelo crescimento das bandeiras de luta. Ao lado das reivindicações econômicas, surgiram com força cada vez maior as bandeiras pedindo o fim da monarquia e do czarismo, o fim da guerra e a reforma agrária.

Na manhã do dia 27 os operários se dirigiram às fábricas e, em reuniões, decidiram continuar a luta. Isto equivalia a iniciar uma insurreição -- mas ninguém havia ainda pronunciado esta palavra. O staff central bolchevique, naqueles dias composto por Shiliapnikov, Molotov e Zalutsky estava completamente sem iniciativa. Como armar os manifestantes para enfrentar o exército czarista?

Os soldados não queriam combater contra os alemães, e muito menos contra os operários em Petrogrado. Eles odiavam o czarismo pela miséria, pela exploração e pela guerra em que os havia metido.

De manhã, 40 comitês de fábricas se reuniram na casa de Kaiurov. Nem todos eles se pronunciaram pela

continuidade do movimento. Foi nesse momento que os grevistas receberam as primeiras notícias da insurreição de alguns regimentos do exército e da abertura de algumas prisões políticas. O regimento Volynski havia fuzilado o comandante e se recusava a sair para reprimir os manifestantes. Acontecimentos semelhantes envolveram outros regimentos e batalhões do exército. No correr do dia surgiram os primeiros carros de combate com bandeiras vermelhas. No final do dia 27, Petrogrado estava transformada num enorme campo militar: o fogo dos fuzis e metralhadoras enchia a cidade.

A guarnição czarista em Petrogrado, que de manhã contava com 150 mil homens, à noite estava se desintegrando.

“E impossível dizer quem liderou as primeiras multidões para o Palácio Touride”. Mas foi lá que surgiu o comando da insurreição. Era necessário “organizar o caos”. No final do dia a insurreição fez suas primeiras prisões de contrarrevolucionários.

O desaparecimento do exército czarista em Petrogrado, o início da revolução em outras cidades e províncias, principalmente em Moscou, e a vitória da revolução na capital, colocou na ordem do dia a questão do poder. Quem substituiria o czarismo? A burguesia organizou o Comitê Provisório da Duma, e, os trabalhadores, o Soviet formado por deputados dos soldados e operários.

No dia 2 de março, o Czar abdica em favor do grande Duke Mikail, que é obrigado a renunciar no dia seguinte. Em seu lugar tomou o poder o Governo Provisório, formado pelo Comitê Revolucionário da Duma, com Kerenski como Ministro da Justiça e com o apoio do soviete de Petrogrado.

Os 5 dias de fevereiro haviam modificado a Rússia tanto quanto a monarquia czarista a havia impedido de evoluir por séculos. Todas as contradições que envolviam a sociedade vieram à tona e buscaram novas soluções. O velho regime estava desaparecendo. O que viria em seu lugar? Duas alternativas estavam colocadas historicamente.

De um lado, o bloco formado pela burguesia russa aliada ao capital

francês e inglês, que formava a tímida oposição legal à monarquia absolutista. Este bloco apresentava como proposta às massas insurrectas um regime liberal burguês. Isto equivaleria na Rússia de 1917, a manter o país na guerra contra a Alemanha e a Áustria-Hungria, a não realizar a reforma agrária e a estimular o crescimento da economia russa com base no capital estrangeiro, fortalecendo a dependência russa em relação aos países capitalistas da Europa Ocidental.

Era representado politicamente pelo Partido Cadete, que possuía fortes ligações com os monarquistas. Contará, em não poucas ocasiões com o apoio de Kerenski, embora este fosse formalmente um Social-Revolucionário.

A burguesia era apoiada “criticamente” pelos mencheviques, que consideravam que a revolução Russa, naquela etapa, era uma revolução burguesa e que, portanto, o poder deveria ficar com a burguesia. Num primeiro momento se colocaram contra a participação dos soviets no poder político, embora em maio aceitassem participar de um governo de coalização com a burguesia, como veremos.

Os Sociais-Revolucionários, formavam um partido não marxista que se propunha a unir os intelectuais e os trabalhadores sob a liderança da “Razão Crítica” e defendiam os interesses de classe dos camponeses. Apoiavam também “criticamente” o governo burguês e participaram dele desde o início. Possuíam penetração no seio das massas camponesas, e também no exército, formado na sua grande maioria por trabalhadores rurais.

Os bolcheviques, até abril, apoiaram “criticamente” o governo do qual participava Kerenski, com base na mesma argumentação dos mencheviques.

A outra alternativa que se apresentava naquele momento histórico para substituir o czarismo era o bloco formado pelos operários dos grandes centros urbanos, aliados a alguns setores da pequena burguesia urbana, com outros setores dos camponeses médios e pobres (mujiques) e com os soldados e marinheiros.

Na cidade, começando com os grandes centros industriais e depois se estendendo a centros de menor importância e áreas rurais, os operários



montavam comitês em seus locais de trabalho e passavam a disputar o controle das fábricas com os patrões. O poder da organização espontânea da massa operária foi tal que esses comitês decretaram unilateralmente, com a oposição dos patrões e do governo burguês, a jornada de trabalho de 8 horas diárias.

A 2 de abril, a Conferência Preparatória dos Comitês de Fábrica das Indústrias de Guerra de Petrogrado proclamou uma constituição de Fábrica que dava as seguintes atribuições aos Comitês: 1) “Todas as instruções sobre a organização interna da fábrica (por exemplo, horário de trabalho, salários, contratos e demissões, férias, etc.) deverão emanar dos Comitês de fábrica”. 2) “O controle de todo o pessoal administrativo (pessoal da administração superior, chefes de secção ou de oficinas) depende da aprovação do comitê de fábrica, que deve notificar aos operários suas decisões em reuniões gerais de toda a fábrica ou através dos comitês de oficinas.” 3) “O comitê de fábrica controla a atividade de direção nos terrenos administrativos, econômicos e técnicos(...) Deve-se proporcionar aos representantes dos comitês de fábrica, para sua informação, todos os documentos oficiais da direção, as previsões de produção e de gastos, e lista detalhada de todos os objetos que entram ou saem da fábrica.”

A posição dos comitês de fábricas se viu ainda mais reforçada à medida em que alguns patrões fugiram da revolução e o controle de suas fábricas ficava totalmente sob responsabilidade dos operários.

A atitude do governo de Kerenski e dos patrões frente aos comitês foi clara, assim como a posição dos mencheviques e sociais-revolucionários: todos foram contra. Fizeram o possível para acabar com os comitês, ou então, no caso dos mencheviques e sociais-revolucionários, castrar o que eles

tinham de revolucionários, fazendo com que fossem absorvidos na estrutura sindical oficial, agora controlada por eles.

Uma nova frente de luta estava aberta: a luta dos operários não só para terem a propriedade dos meios de produção, mas para modificarem radicalmente as relações de produção capitalistas no próprio local de trabalho.

Assim, em 1917, o panorama russo no campo das relações de produção, havia sofrido importantes modificações. Em não raras ocasiões os trabalhadores gráficos se recusavam a imprimir qualquer lei, proclamação, jornal ou panfleto contrarrevolucionários. Nos telégrafos, os trabalhadores falsificavam ou mandavam para destinatários incorretos, ou mesmo não mandavam, os telegramas e ordens das forças burguesas. Os comitês formados pelos operários ferroviários impediam o transporte de tropas ou abastecimentos que auxiliassem a contrarrevolução, bem como atuavam como o destacamento avançado dos operários na agitação junto às tropas czaristas.

No exército, a situação não era muito diferente, graças à pressão dos soldados rasos, o Comitê Executivo do Soviete de Petrogrado aprovou a Ordem no. 1 estabelecendo que comitês eletivos deveriam ser formado em todos os regimentos militares, deputados dos soldados deveriam ser eleitos para os soviets; em todos os atos políticos os soldados deveriam se submeter ao soviete e aos seu comitês, as armas deveriam estar em controle dos comitês dos regimentos e batalhões, e não deveriam, em hipótese alguma, serem entregues aos oficiais. Também eram abolidos os sinais exteriores de respeito (continência etc.) quando fora de serviço, e proibido o tratamento desumano do soldado, que segundo o regulamento czarista poderia ser chicoteado pelo seu superior à menor falta.

Alguns regimentos e batalhões aderiram imediatamente à Ordem no. 1. Outros levaram um pouco mais de tempo. Mas até o final de 1917 todo o exército estava organizado em comitês que levaram até o fim a destruição do exército czarista.

Às forças burguesas não restava outro recurso que apelar para o “patriotismo” dos soldados, explorando

o fato da Rússia estar sendo invadida por forças alemãs, para tentar submetê-los aos oficiais burgueses e monarquistas. O período no qual eles conseguiram um certo sucesso nisso, foi o lapso de tempo, entre fevereiro e outubro, em que durou o Governo Provisório.

No campo, a revolução demorou um pouco mais de um mês para se iniciar. Os camponeses se lembravam dos massacres das outras revoluções e levantes. Desejavam como que se certificar que desta vez eles não seriam decepcionados. Mesmo assim, ainda em março, grandes proprietários de terras começaram a vender suas propriedades para os camponeses ricos (kulaks), pressentido que a tormenta revolucionária estava para se estender ao campo. Muitas dessas vendas eram fictícias, pois pensavam os nobres que os kulaks não seriam desapropriados e desta forma eles poderiam manter suas propriedades. Foi por isso que ainda em março inúmeros delegados camponeses se dirigiram ao Governo Provisório exigindo que esse proibisse a venda de terras pelos latifundiários.

Esta lei o Governo Provisório não aprovou. Mas aprovou uma outra, criando Comitês sobre a Terra para preparar a reforma agrária “ordeira”. O objetivo do Governo Provisório com essa medida era evitar que os camponeses se organizassem em sovietes totalmente independentes do Estado, e desta forma, controlar a violência - que eles pressentiram - estava prestes a se desencadear sobre o campo.

Como decretos não podem paralisar a luta de classes, ainda mais durante uma revolução, o mês de abril se inicia com as primeiras expropriações dos latifundiários pelos camponeses, que dividiam as terras entre si, bem como todas as propriedades móveis que encontravam. Numerosos comitês formados pelos camponeses proibiram os grandes proprietários de terras de derrubarem suas florestas ou então entregavam os campos, que o proprietário não tinha cultivado com o receio da revolução, para os camponeses sem terra.

As terras da Igreja e da Monarquia não foram poupadas. Mesmo em locais tão distantes, como as estepes siberianas e Vladivostok, a revolução fez sentir seus efeitos. Por todo o campo russo -- embora num ritmo mais lento que

nas cidades -- surgiram comitês de camponeses e sovietes que, embora na sua imensa maioria fossem dominados pelo sociais-revolucionários e mencheviques, não podiam se furtar a atender à pressão da massa camponesa que exigia terra. Pois, caso contrário, os camponeses poderiam agir de forma ainda mais radical e fora do controle das forças que tendiam ao compromisso com a burguesia.

ABRIL, 1917

Em abril, profundas mudanças afetam o processo revolucionário russo.

Com a chegada de Lênin, Zinoviev e outros revolucionários russos do exterior se inicia no partido bolchevique a luta contra as concepções que tendiam a manter a revolução nos limites burgueses, até então dominantes no interior do partido. Essas concepções, principalmente aquela que afirmava que a revolução russa tinha um conteúdo essencialmente burguês e que, por isso, o papel das forças revolucionárias consistia em auxiliar a burguesia a se consolidar no poder contra a reação monarquista, estavam levando Stálin e Kamenev a proporem a união dos bolcheviques com os mencheviques com o objetivo de defenderem a revolução de fevereiro. A uma proposta nesse sentido feita pelo líder menchevique Tseretelli, Stálin respondeu no dia 30 de março: “Nós devemos realizar (a União). É necessário definir nossa proposta para uma base de união, (a) união é possível...”

Chegando à Rússia, Lênin redige as teses (que passarão à história como as Teses de Abril) de que a república nascida da Revolução de Fevereiro era uma república burguesa -- e que, portanto, não cabia aos operários lutarem por ela. A tarefa dos bolcheviques era derrubar o governo imperialista burguês de Kerenski e fundar a República Soviética dos trabalhadores. A principal tarefa momentânea dos bolcheviques era explicar “pacientemente” às massas quem os mencheviques e os sociais-revolucionários defendiam -- a burguesia -- e não temer ficar, momentaneamente, em minoria. Pelo contrário, estando em minoria era possível,



naquele momento histórico particular, explicar às massas exaustivamente todas as traições que os mencheviques, sociais-revolucionários e o Governo Provisório estavam realizando e, dessa forma, conseguir o apoio das massas operárias e camponesas.

A luta no interior do partido bolchevique foi renhida. Os estratos superiores do partido receberam com animosidade e desconfiança as opiniões de Lênin e, quando foram publicadas no Pravda (órgão bolchevique), receberam uma introdução esclarecendo que os editores do jornal (entre eles Stálin) consideravam as teses inaceitáveis, pois partiam do pressuposto (falso, para eles) que estava na hora de se lutar por um governo operário na Rússia.

No entanto, os setores do partido mais próximo à classe operária, principalmente os comitês dos distritos operários, passaram a fazer agitação das teses entre as massas, principalmente em Moscou e Petrogrado. Na conferência do Partido, de Abril, as Teses de Lênin foram aprovadas. Para isso em muito contribuiu o clima político que vivia a Rússia nos “Dias de Abril”... como veremos no artigo do mês que vem.

RECOMENDAÇÕES DE LEITURA

A história da revolução russa, de L. Trotsky: há vários relatos e histórias sobre 1917, a mais importante e que deve ser lida por todos é a acima citada. Há, no Brasil, uma antiga edição da Editora Paz e Terra, em três volumes, e uma mais recente da Editora Sundermann, em dois volumes. É praticamente a mesma tradução.

Editado sob responsabilidade da coordenação do Espaço Socialista. Os artigos assinados não necessariamente refletem a posição da Organização.

CONTATOS

www.espacosocialista.org

espacosocialista@hotmail.com

facebook.com/espacosocialista1